



DIDÁTICA E ENSINO DE HISTÓRIA: POTENCIALIDADES PEDAGÓGICAS DOS INFOGRÁFICOS

DIDACTIC AND HISTORY TEACHING: PEDAGOGICAL POTENTIALS OF INFOGRAPHICS

Rosária Helena Ruiz Nakashima ¹

Vanderlene das Neves Dutra ²

Olivia Macedo Miranda de Medeiros³

Luciano Galdino da Silva⁴

RESUMO

Neste artigo, apresentamos alguns elementos que ressaltam as potencialidades pedagógicas dos infográficos no ensino de Didática, na licenciatura em História, a fim de evidenciar como esses recursos podem contribuir para o ensino dos conteúdos da disciplina. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica sobre ensino de História, Didática, infográficos e o conceito de “práxis”. A investigação possibilitou explorar o *software Piktochart* para a produção de infográficos de conteúdos da Didática. Os resultados nos forneceram indicativos de que o uso dos infográficos, na elaboração de materiais didáticos, pode oferecer aos estudantes e seus professores alternativas de produção e de aperfeiçoamento da sistematização de informações. Portanto, a partir da integração de recursos tecnológicos, aliados a uma pedagogia inovadora, baseada na práxis, é possível contribuir com processos educativos mais significativos, ampliando seu sentido e significado para estudantes e docentes.

PALAVRAS-CHAVES: Infográficos; práxis; ensino de História.

¹Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Educação Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pedagoga. Professora Adjunta do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Tocantins (UFT)/Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (UFT/UFNT). E-mail: rosaria@uft.edu.br.

²Licenciada em História pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Bolsista PIBIC/UFT 2020-2021. E-mail: vanderlene.dutra@gmail.com

³Doutora em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora Adjunta da Universidade Federal do Norte do Tocantins, atuando no Colegiado de História e no Programa de Pós-graduação em Cultura e Território - PPGCULT (UFNT-Araguaína). Editora da Revista Escritas, periódico do Curso de História da Universidade Federal do Norte do Tocantins. Tem experiência na área de História e Interdisciplinar com ênfase em linguagens, literatura, territórios, memória, modos de viver, relações e práticas de trabalho. E-mail: oliviacormineiro@uft.edu.br.

⁴Doutor em Ciências com área de Concentração em História Econômica pela Universidade de São Paulo- USP. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins- UFT. Desde 2005. Lecionando as Disciplinas de Estágio Supervisionado. Exercendo atualmente o cargo coordenador do Curso de História. E-mail: lucianogaldino@uft.edu.br.



ABSTRACT

In this article we present some elements that highlight the pedagogical potential of infographics in the teaching of Didactics, in the degree in History, in order to show how these resources can contribute to the teaching of the subject's contents. This is a qualitative and bibliographical research on the teaching of History, Didactics, infographics and the concept of “praxis”. The investigation made it possible to explore the Piktochart software for the production of infographics of Didactic content. The results provided us with indications that the use of infographics in the preparation of teaching materials can offer for students and their teachers alternatives for producing and improving the systematization of information. Therefore, from the integration of technological resources, allied to an innovative pedagogy, based on praxis, it is possible to contribute to more significant educational processes, expanding its meaning for students and teachers.

KEYWORDS: Infographics; praxis; history teaching.

INTRODUÇÃO

As tecnologias fazem parte da vida humana desde a pré-história, e, atualmente, há as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC). Conforme o ser humano foi evoluindo, usando o raciocínio e seus conhecimentos historicamente construídos, as tecnologias foram gradativamente criadas e aperfeiçoadas. Vivemos em um mundo imerso em tecnologias, desde os nossos lares até os diferentes lugares que frequentamos, inclusive no espaço escolar. As TDIC, quando usadas com intencionalidade pedagógica, podem ser aliadas no processo de ensino e de aprendizagem, na educação formal.

De acordo com Nakashima e Piconez (2016), o uso das tecnologias na educação requer uma nova postura dos docentes e discentes, para que haja uma potencialização das abordagens pedagógicas exploradas por ambos, conforme os autores ressaltam:

[...] Como o ensino é uma atividade complexa que recorre à articulação de diferentes conhecimentos (SHULMAN, 1986; 1987; MISHRA; KOEHLER, 2006), como um fenômeno multidimensional que compõe a ação docente, configura-se relevante a investigação sobre o “fazer didático” e, dentro dele, o “saber fazer e escolher”, e o suporte das tecnologias digitais no desenvolvimento de propostas pedagógicas contextualizadas. (NAKASHIMA; PICONEZ, 2016, p. 233).

Destacamos que o processo de ensino requer habilidades e conhecimentos didáticos específicos e, para Shulman (1987 *apud* Nakashima e Piconez, 2016, p. 232), a ação docente envolve seis eventos pedagógicos não sequenciais – compreensão, transformação, ensino, avaliação, reflexão e nova compreensão. No processo de ensino, esses eventos se realizam



como transformação e representação dos conteúdos que serão ministrados aos estudantes. Além disso, na atual sociedade da informação, é necessário que aconteça, por parte do docente, uma busca para o desenvolvimento e o aprimoramento do fazer didático-pedagógico, aliado às tecnologias digitais.

Nesta pesquisa⁵, foi explorado o *software Piktochart*, com o objetivo de compreender como essa ferramenta pode ser utilizada no processo de construção dos infográficos (Figura 1). O *Piktochart* é um recurso gratuito que permite a criação de infográficos autorais, inserindo figuras, textos, gráficos e formas. O *software* é um serviço *on-line*, que disponibiliza gratuitamente cinco modelos de infográficos. A partir de seus recursos, é possível sistematizar dados e informações sobre qualquer tema, colaborando para a construção de novos conhecimentos que sejam significativos aos estudantes.

Figura 1: Primeira parte do infográfico elaborado para o componente curricular de Didática.



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

⁵ Este artigo apresenta os resultados da pesquisa realizada durante o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC /UFT), no período de 2020 a 2021.



Esta é uma pesquisa de caráter bibliográfico, e, conforme esclarece Pizzani *et al.* (2012, p. 54),

[...] Entende-se por pesquisa bibliográfica a revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico. Essa revisão é o que chamamos de levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica, a qual pode ser realizada em livros, periódicos, artigo de jornais, sites da Internet entre outras fontes. (PIZZANI *et al.*, 2012, p. 54).

Diante disso, a partir de referenciais teóricos já publicados, buscamos compreender nosso problema de pesquisa: como o infográfico pode colaborar na produção de conteúdos da Didática na Licenciatura em História?

Para isso, realizamos um planejamento sistemático da pesquisa para compreender desde a definição do tema até o desenvolvimento da pesquisa. Utilizamos artigos científicos, livros, teses e dissertações para a revisão bibliográfica dos conceitos de Didática, Ensino de História, Infográficos e Práxis, a fim de responder o nosso problema. Também foi possível fazer a relação do conceito de Práxis presente nas obras de Paulo Freire com o ensino de Didática na licenciatura em História.

De acordo com Candau (1997), a partir dos anos 1990, houve a inauguração de uma nova etapa na vida social e também na educação brasileira. Com o projeto neoliberal, acentuaram-se as formas de multiplicação de exclusão social e cultural, juntamente com a globalização econômica e a mundialização da cultura. Assim, houve a necessidade de repensar as práticas no âmbito educacional, principalmente na área da Didática, detectando os temas emergentes que precisavam ser tratados em sala de aula.

Logo, Candau (1997), desde os anos 1980, defende que a Didática não pode ser vista apenas como algo instrumental e neutro, ou seja, apenas como forma de se passar conteúdos ou de modo a reduzi-la às técnicas ou a uma visão acrítica do currículo e do ensino, mas, é necessário enxergá-la como algo fundamental no processo de ensino-aprendizagem.

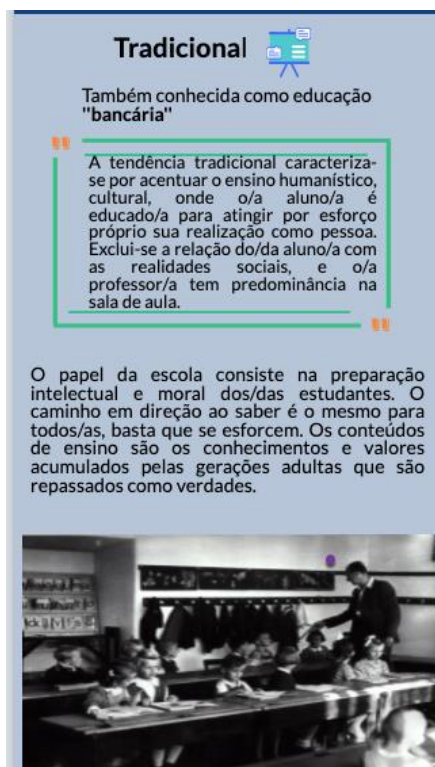
A partir dessa concepção de Didática, problematizamos o ensino de História que, em alguns contextos, é planejado de forma mecânica, exigindo do aluno a repetição de conteúdos, sem uma abordagem crítica dos temas trabalhados, ou seja, sem considerar a importância da mobilização e da compreensão dos conceitos históricos na construção de novos conhecimentos.



Sobre isso, Ferreira e Franco (2013, p. 129) afirmam “[...] o conhecimento histórico em sala de aula pressupõe dinamismo e diversidade e, sobretudo, a consciência, por parte de professores e alunos, de que a História relaciona-se a construções superáveis, provisórias e relativas”, uma vez que surgem novos métodos e técnicas, o conhecimento histórico é reavaliado, haja vista que a História não é algo contínuo, todos os documentos, fatos e estudos devem ser entendidos em seu contexto.

Pelas experiências em estágios supervisionados e por meio de relatos de professores em atuação, identificamos que o ensino de História ainda traz algumas marcas da tendência pedagógica tradicional (Figura 2), pautada na memorização de dados, fatos históricos e datas, e isso torna esse componente curricular desgastante e desinteressante para os alunos. Desde o seu surgimento como disciplina escolar, no final do século XIX, como aponta Cabrini (1986), o ensino de História tem sido pautado em saberes prontos e acabados, sem levar em conta a realidade e as experiências dos alunos e alunas, mantendo-os de fora do processo histórico.

Figura 2: Parte do infográfico sobre a Tendência Pedagógica Liberal Tradicional.



Fonte: Dados da pesquisa (2020).



Acreditamos que as formas tradicionais de se ensinar História, baseadas na memorização de fatos, datas e acontecimentos, minimizam as oportunidades de construção de novos conhecimentos por parte dos alunos. Um dos caminhos para que isso seja ressignificado é buscar novas estratégias pedagógicas, com o uso das tecnologias digitais, para auxiliar no desenvolvimento crítico e analítico dos conteúdos curriculares de História.

Nesse viés, sugerimos, nesta pesquisa, a utilização de infográficos como um possível recurso didático para a construção de novos saberes, haja vista suas possibilidades de visualização das informações, bem como a integração de vários recursos, como imagens, vídeos, desenhos, textos etc., o que, por sua vez, pode tornar o ensino de História mais significativo para os estudantes.

Didática, práxis e ensino de História: princípios para uma educação transformadora

Os desafios enfrentados pela comunidade escolar (professores, alunos, gestores, famílias etc.) são variados e urgentes em solução. Um dos destaques é o fato de a escola ainda estar vinculada à tendência educacional tradicional ou, como aponta Freire (1987), imersa numa educação bancária. Entretanto, esse é um desafio que pode ser superado através de uma concepção educacional transformadora, que liberte alunos e professores desse sistema de opressão, ou seja, de um ensino vertical, no qual o professor se considera o detentor do saber, e os estudantes, meros ouvintes, seres passivos no processo de aprendizagem.

De acordo com Fortuna (2016, p. 64), “a transformação, em si, é enfrentamento, choque de realidade de um determinado contexto, em que os sujeitos envolvidos não compreendem a importância de se instaurar a mudança que, muitas vezes, desestabiliza, sendo ela subjetiva do próprio sujeito ou da sociedade.” Os professores e alunos devem tomar consciência da situação em que estão inseridos para assim transformá-la. Essas mudanças exigem uma constante remodelação educacional, isso significa a construção de novos métodos e técnicas que auxiliem no processo formativo dos educandos.

Segundo Libâneo (2013, p.14), a Didática é a área que estuda os conteúdos, os objetivos, os meios e as condições do processo de ensino com finalidades educacionais e sociais. Há também uma grande proximidade da Didática com outros campos do conhecimento, o que corrobora para que os docentes tenham uma formação mais ampla. Desse modo, o ensino de



Didática na licenciatura em História é de extrema importância, pois, a partir dela, os futuros docentes podem construir suas práticas pedagógicas, visando a melhoria do processo de ensino e aprendizagem. Libâneo (2013, p. 24) afirma que “A Didática, em seus vínculos com a pedagogia, generaliza processos e procedimentos obtidos na investigação das matérias específicas, das ciências que dão embasamento ao ensino e aprendizagem e das situações concretas da prática docente”.

A Didática deve ser vista como um dos pilares na formação da prática docente, e não como um processo meramente instrumental na ação pedagógica, ou seja, apenas como ensinar a ensinar, pois não se trata apenas sobre o que e como ensinar conteúdos, mas também sobre o porquê ensinar e a quem ensinar, considerando questões sociais e políticas dos sujeitos. Em concomitância a isso, Candau (1997) afirma:

[...] A perspectiva fundamental da didática assume a multidimensionalidade do processo de ensino-aprendizagem e coloca a articulação das três dimensões, técnica, humana e política, no centro configurador de sua temática. Procura partir da análise da prática pedagógica concreta e de seus determinantes. Contextualiza a prática pedagógica e procura repensar as dimensões técnica e humana, sempre “situando-as”. Analisa as diferentes metodologias, explicitando seus pressupostos, o contexto em que foram geradas, a visão do homem, de sociedade, de conhecimento e de educação que veiculam. Elaborar a reflexão didática a partir da análise e reflexão sobre experiências concretas, procurando trabalhar continuamente a relação teoria-prática. (CANDAU, 1996a, p. 20 *apud* CANDAU, 1997, p. 73).

Para Candau (1997), a didática pode ser dividida em duas categorias, a didática instrumental e a didática fundamental, “a primeira concebe a Didática como um conjunto de procedimentos e técnicas que o professor deve dominar para promover um ensino eficiente. É a operacionalidade do processo que constitui a preocupação central” (p. 74), ou seja, está ligada somente à parte operacional, isto é, “como” e “o que” ensinar. Já a segunda concepção, “parte da análise da relação escola-sociedade e articula as abordagens da educação com os diferentes projetos político-sociais, situando-se na perspectiva da construção de uma sociedade democrática de caráter inclusivo e radical” (p. 74). Logo, essa perspectiva está mais relacionada às preocupações em tornar as práticas pedagógicas mais humanas e o ensino comprometido com as transformações sociais.

Candau (1997) ainda ressalta que a didática fundamental se contrapõe ao tecnicismo, que concebe o processo educativo a partir, exclusivamente, da dimensão técnica; trata-se do ideário “*Didática como receituário*” (BALZAN, 1987, p. 89). De fato, a didática fundamental



procura penetrar na problemática educacional e pedagógica para identificar seus determinantes, sendo assim:

[...] concebe[-se] a Didática como um saber de mediação e garante[-se] sua especificidade pela preocupação com a compreensão do processo de ensino-aprendizagem e a busca de formas de intervenção na prática pedagógica, concebida como prática social, articulando sempre o “fazer” com o sentido ético e político-social de todo projeto educativo. Esta perspectiva situa-se no âmbito de uma abordagem crítica na educação. (CANDAUI, 1997, p.74).

Assim, compreendemos que o papel da Didática é construir caminhos que articulem a prática pedagógica com as questões sociais, para a construção de um ensino reflexivo e crítico.

Consideramos que Didática é práxis, isto é, reflexão e ação, pois a Didática se refere a um conjunto de procedimentos técnicos que o docente deve conhecer para promover um ensino mais eficiente, por outro lado, também é análise da relação entre escola, sujeitos e suas demandas sociais para a implementação de práticas pedagógicas que visem a transformação de suas realidades. Como aponta Fortuna (2015, p. 66), “para que o ensino e aprendizagem aconteçam de forma efetiva, teoria e prática precisam naturalmente ser conduzidas concomitantemente, esta é uma necessidade indispensável para a emancipação e realização humana”.

Podemos, então, associar a Didática à pedagogia crítica libertadora (Figura 3) de Paulo Freire, segundo a qual o indivíduo deve estabelecer-se como sujeito crítico de sua própria realidade, para assim transformar a si próprio e ao mundo, nesse sentido, seu fazer e agir devem ser baseados na práxis.

Figura 3: Parte do infográfico sobre a Tendência Pedagógica Progressista Libertadora.



Libertadora

Também conhecida como **Pedagogia de Paulo Freire.**

O foco da tendência libertadora é a atuação "não-formal", ela questiona de forma concreta a realidade das relações do/da homem/mulher com a natureza e com os/as outros/as homens/mulheres, buscando assim uma transformação, sendo então considerada uma educação crítica.

Os conteúdos de ensino na pedagogia libertadora são chamados de "temas geradores" e são extraídos da problematização da prática de vida dos/das educandos/as. O importante não é a transmissão de conhecimentos específicos, mas incitar uma nova forma de se relacionar com as experiências vividas.



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

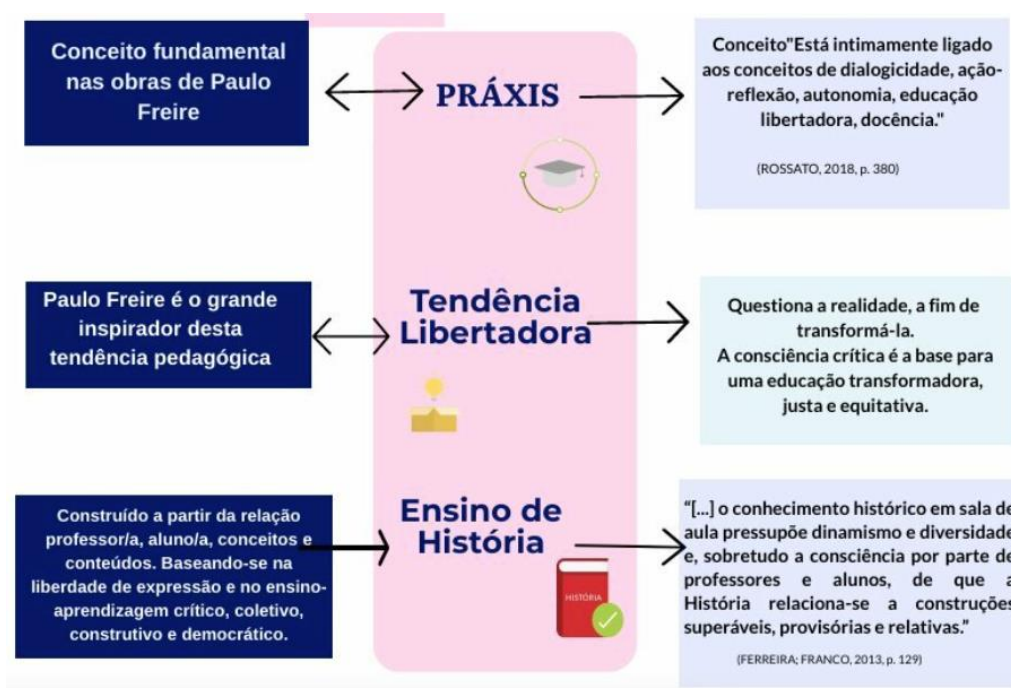
De acordo com Freire (1987, p.45), “na prática problematizadora, vão os educandos desenvolvendo o seu poder de captação e de compreensão do mundo que lhes aparece, em suas relações com ele, não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação, em processo”. Nesse sentido, Libâneo (2009, p. 33) diz que “a educação libertadora, ao contrário, questiona concretamente a realidade das relações do homem com a natureza e com os homens, visando a uma transformação — daí ser uma educação crítica”.

Acreditamos que é importante evidenciar como a práxis está intimamente ligada à educação que visa libertar os oprimidos desse sistema de opressão, representado pelo modelo de educação tradicional, pautado na memorização e repetição de fatos e conceitos fragmentados, além de práticas pedagógicas autoritárias. Para Freire (1987), práxis é

transformação do mundo, baseada em ações educacionais democráticas, respeitosas e solidárias. Por isso, “pensar a educação dentro da composição e aperfeiçoamento da práxis vai ao encontro da constante ressignificação pedagógica, a saber, que educador/a e educando/a se encontram atrelados ao permanente vir-a-ser dos sujeitos” (FORTUNA, 2015, p. 65).

Partindo da associação da Didática ao conceito de práxis, devemos conceber o ensino de História como instrumento de libertação (Figura 4).

Figura 4: Parte do infográfico sobre Práxis, Tendência Pedagógica Libertadora e Ensino de História.



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

O ensino de História deve estar pautado na relação entre os sujeitos e suas ações na sociedade, ou seja, é necessário que o indivíduo se reconheça como sujeito histórico para que haja sua integração aos conteúdos de História. É necessário recolocar educandos e educadores como sujeitos históricos e produtores de conhecimento histórico, a fim de enfrentar o ensino tradicional que regula a educação há muito tempo, visando, assim, a libertação dos sujeitos. Para Freire (2015, p. 25-26):

[...] Do ponto de vista democrático em que me situo, mas também do ponto de vista da radicalidade metafísica em que me coloco e de que decorre minha compreensão do homem e da mulher como seres históricos e inacabados e sobre que se funda a minha inteligência do processo de conhecer, ensinar é algo mais que um verbo transitivo



relativo. Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa, e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. (FREIRE, 2015, p. 25-26).

Ao relacionarmos o ensino de História com práticas didático-pedagógicas, percebemos, de modo geral, que o componente curricular História ainda é abordado de modo mecânico, associado ao ensino de datas, heróis, fatos e acontecimentos históricos. Por meio de escolarização anterior e relatos atuais, observamos que, muitas vezes, o ensino é focado apenas na reprodução de conteúdos, afastando o ensino e o aprendizado de História do campo de produção do conhecimento.

Essa visão “bancária” (FREIRE, 2015, p. 27) de ensino sustenta a distância entre alunos e conhecimento histórico, uma vez que o saber histórico, ao ser compreendido como algo pronto, mecânico e conteudista, distancia-se da realidade dos estudantes. A falta de diversificação de formas de ensinar e de multiplicidade de visões para a construção de conhecimentos pode comprometer a dinâmica do componente curricular de História.

Para Ferreira e Franco (2013, p. 128), “o ensino escolar ganha na medida em que pode se utilizar da diversidade de interpretações como forma de expor a multiplicidade de enfoques próprios do conhecimento”. Nesse sentido, podemos constatar que, ao tornarmos as aulas de História mais dinâmicas, será possível o melhor desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, utilizando a multiplicidade de recursos como elementos didáticos e pedagógicos.

A transformação/libertação educacional deve passar pela práxis, pois, como afirma Freire (1987, p. 24), “A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo”. Por isso, é imprescindível que o indivíduo se reconheça como ser histórico, capaz de pensar (refletir sobre sua situação no mundo) e agir, a fim de transformar a realidade em que vive. A práxis freireana vai além de uma categoria de análise, “deve ser entendida como consequência de uma forma de ser do homem no mundo, que, ao pensar e agir, transforma o mundo e a si mesmo” (MÜHL, 2011 *apud* FORTUNA, 2016, p. 66).

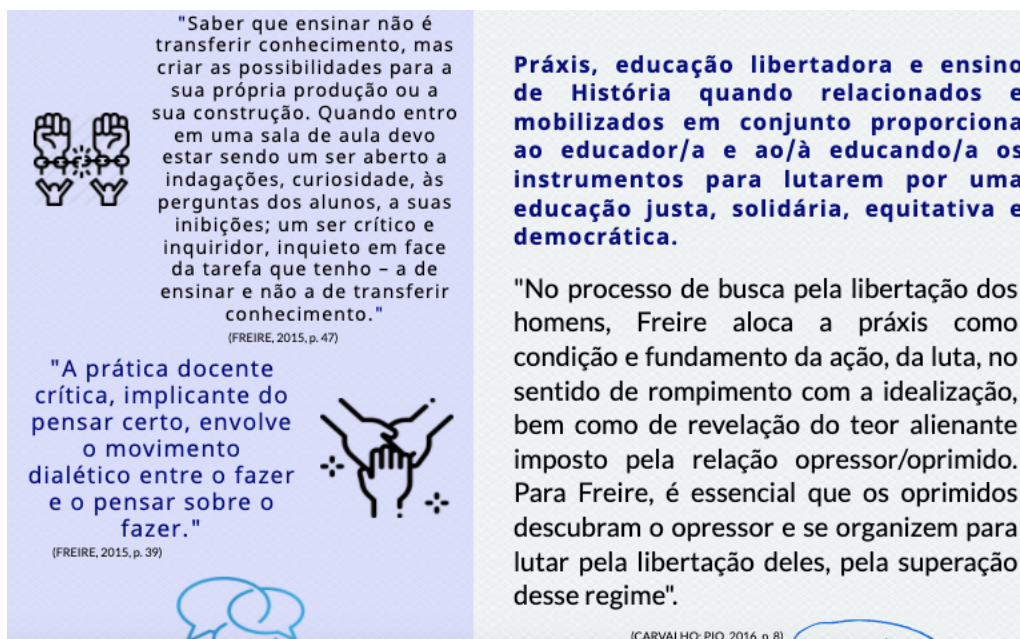
Defendemos que o processo de ensino e aprendizagem requer diálogo entre professores e alunos. De acordo com Freire (1987), sem diálogo, não há comunicação, e sem ela não há uma verdadeira educação, pois somente o diálogo implica num pensar crítico. O diálogo é práxis. É importante que educadores o mantenham com seus alunos, pois ensinar e aprender se



constituem a partir dessas trocas de saberes teóricos, procedimentais e atitudinais. Logo, “a partir da prática dialógica, o sujeito desenvolve suas potencialidades de comunicar, interagir, administrar e construir o seu conhecimento, melhorando sua capacidade de decisão, humanizando-se.” (MENEZES; SANTIAGO, 2014, p. 52).

Inspirada em Freire, a educação libertadora (Figura 5) nos leva a pensar sobre como a Didática deve estar associada à práxis. Para que a educação seja transformadora, é indispensável que a Didática também seja *reflexão* <-> *ação*, haja vista que a Didática não pode ser vista apenas como algo instrumental, é necessário que a enxerguemos como uma aliada na construção de novos conhecimentos e na formação de sujeitos críticos, deixando de lado a perspectiva educacional que foca apenas numa formação individualista, que não leva em conta os problemas socioeducacionais dos estudantes.

Figura 5: Parte do infográfico sobre Práxis, Educação Libertadora e Ensino de História.



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Ao problematizarmos a necessidade de transformação da educação por meio de ações didático-pedagógicas, problematizamos o uso das tecnologias para aprimorar o processo de ensino e aprendizagem na educação, principalmente no ensino de História, haja vista que as tecnologias – quando usadas com intencionalidades pedagógicas – podem ser grandes aliadas desse processo. Como afirmam Nakashima e Piconez (2016, p. 232), “A tecnologia, a



pedagogia e os conhecimentos específicos dos conteúdos representam uma articulação dinâmica que pode descrever a ação docente necessária para o planejamento, a implementação, a avaliação e o processo de ensino-aprendizagem, apoiados por tecnologias”.

Logo, acreditamos que o ensino de História, associado às práticas didático-pedagógicas libertadoras (Figura 5) e a um pensar e fazer reflexivos, implicará libertação e transformação de alunos e professores, ou seja, libertação de um ensino bancário.

Nesse sentido, se faz necessário abandonar os métodos tradicionais de ensino de História, desprendendo-se da forma mecânica e conteudista, a fim de que os alunos se sintam mais próximos do conhecimento histórico. Para isso, a adoção de novas abordagens pedagógicas, apoiadas pelo uso de infográficos, pode trazer dinamismo ao ensino e à aprendizagem de História, conforme discutiremos na seção seguinte.

Potencialidades educacionais dos infográficos

Um dos aspectos evocados nesta pesquisa é como a tecnologia aliada à educação pode oferecer aos alunos e professores um melhor desenvolvimento do processo educativo. Dessa maneira, analisamos o uso dos infográficos como forma de sistematização e construção de conteúdo/conhecimentos. Os infográficos

[...] são formas de representação/visualização da informação [...] permitem analisar um fato de forma pormenorizada nas suas diversas fases. O infográfico pode combinar múltiplos recursos multimídia (podemos associar Mapas, Gráficos, Textos, Áudios, Vídeos, Desenhos, Fotografias, Documentos Digitalizados etc.) para apresentar uma informação. (CERIGATTO; MEDEIRO; SEGURADO, 2010 *apud* BONTTENTUIT JUNIOR; LISBOA; COUTINHO, 2011, p. 3-4).

Sendo assim, o seu uso pedagógico possibilita o estímulo visual e a capacidade de síntese, uma vez que, ao construir um infográfico, é necessária a sistematização das informações. Outra vantagem é o estímulo à capacidade do aluno de relacionar uma imagem, vídeo ou desenho ao conteúdo curricular a ser adicionado ao infográfico. Bonttentuit Junior, Lisboa e Coutinho (2011) ressaltam que

[...] Através dos infográficos, os alunos podem ter acesso aos mais variados tipos de conteúdo, e o mesmo poderá ser explorado em múltiplos formatos, ou seja, pode constituir-se como fonte alternativa de informação, como uma fonte de pesquisa, como um esquema para discussão, como estratégia pedagógica para o ensino ou, ainda, como um poderoso recurso para a educação a distância, visto que já são muitos os *sites* na *Web* que disponibilizam estes recursos inteiramente gratuitos para que o professor utilize nas suas aulas. E, por estarem em formato digital, os infográficos



podem ser integrados em qualquer *learning management system* (LMS). (BONTTENTUIT JUNIOR; LISBOA; COUTINHO, 2011, p. 5).

Por isso, explorar as potencialidades pedagógicas das tecnologias, mais especificamente dos infográficos, pode contribuir para que os estudantes e seus professores consigam ser protagonistas ativos na busca por desenvolverem, de maneira mais eficaz, a compreensão de conceitos e processos históricos e a sistematização de conteúdos. Além de se aproximarem da tecnologia, os professores também exercitam sua autoria na produção de materiais didáticos que sejam significativos para suas turmas.

Acreditamos que, por ser dinâmico, o infográfico pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem, haja vista que combina diferentes recursos, “nesse contexto, a utilização de infográficos poderá ser um grande contributo para o ensino e aprendizagem de diversos tipos de conteúdos” (BONTTENTUIT JUNIOR; LISBOA; COUTINHO, 2011, p. 5). Complementando, Costa e Tarouco (2010, p.12) ressaltam que:

[...] A convergência das mídias permitiu que novos formatos para conteúdos educacionais fossem criados ou adaptados ao suporte digital. Esses formatos devem ser utilizados pelos professores na criação de seus conteúdos de modo a melhorar o processo de ensino-aprendizagem. (COSTA; TAROUCO, 2010, p. 12).

Os infográficos podem ser usados no ensino de História, uma vez que esse recurso é uma ferramenta de representação visual que possibilita ao/à professor/a abordar determinado assunto de forma dinâmica e visual, que seja estimulante aos/às alunos/as, priorizando a veiculação didática da informação. A integração de várias mídias digitais, como som, imagem, vídeos, textos, gráficos, mapas, entre outros, abre um amplo leque para que os professores e professoras possam inovar, aprimorar e potencializar o ensino e a aprendizagem.

Os infográficos podem tornar o processo de ensino-aprendizagem mais prazeroso e estimulante, uma vez que

[...] São mais sintéticos que os vídeos, mais narrativos que um esquema, mais atrativos que as tabelas, mais exploratórios que as apresentações tradicionais e, diferentemente dos textos escritos permitem visualizar a informação que apresentam. As infografias transmitem feitos, processos, notícias, acontecimentos ou dados de forma amena, sintética e visual, facilitando a compreensão da informação árida ou complexa e estimulando o interesse do leitor que, de um golpe de vista, pode selecionar nelas o que lhe interessa, o que já conhece ou não. (LARRAZ, 2010 *apud* ALVAREZ, 2012, p.111).



A utilização dos infográficos na educação é uma realidade, e Bonttentuit Junior, Lisboa e Coutinho (2011) listam algumas potencialidades do uso dessa ferramenta na educação, dentre elas:

- a) o acompanhamento, pelos/pelas estudantes, do passo a passo de um fato, um processo ou um acontecimento histórico;
- b) a possibilidade de melhor memorização dos/das alunos/as através das imagens e esquemas;
- c) o desenvolvimento de habilidades cognitivas de interpretação, análise e síntese a partir da observação dos infográficos;
- d) o/a aluno/a poderá navegar de forma não linear sobre o conteúdo, o que facilitará o processo de construção de novos conhecimentos;
- e) os infográficos podem ser utilizados pelos/pelas estudantes como fonte de informação, material didático e até mesmo para a resolução de problemas levantados pelo professor.

Contudo, é necessário ressaltar que a sua efetiva aplicação vai depender da intencionalidade pedagógica docente ao explorar tal recurso junto com seus/suas alunos/as, e, assim, alcançar os objetivos didáticos propostos. Sob este prisma, Costa e Tarouco (2010) ressaltam que, ao combinar imagem e texto, o infográfico apresenta vantagens e cuidados em relação à aprendizagem dos alunos, uma vez que:

[...] As apresentações multimídia podem incentivar os alunos a se empenharem na aprendizagem ativa, representando mentalmente o material em palavras e imagens e fazendo conexões mentais entre as representações visuais e verbais. Por outro lado, apresentar somente palavras pode incentivar os alunos – especialmente aqueles com menos experiência ou conhecimento linguístico – a participarem superficialmente da aprendizagem, por não conseguirem conectar as palavras com conceitos e outros conhecimentos. (CLARK; MAYER; 2008, *apud* COSTA; TAROUCO, 2010, p. 6).

Em concomitância com os autores citados, Alvarez (2012) também relaciona o uso dos infográficos ao desenvolvimento educacional, defendendo que os docentes estimulem os alunos a produzirem os infográficos, pois a elaboração dos mesmos exige dos estudantes “uma participação ativa e o exercício de competências cognitivas, relacionais e produtivas” (ALVAREZ, 2012, p. 149).



Alvarez (2012) ainda ressalta como a elaboração dos infográficos contribui para o desenvolvimento de habilidades, a saber: selecionar, compreender, comparar, analisar, sintetizar, entre outras, visando também ao desenvolvimento crítico e criativo.

Durante a pesquisa, foi explorado o *software Piktochart*, e, a partir dele, foram elaborados infográficos de conteúdos de didática para contribuir para a aprendizagem dos estudantes da licenciatura em História. A partir desse recurso, é possível fazer a sistematização de informações do tema a ser estudado, o que colabora para a construção de novos conhecimentos.

Nakashima e Piconez (2016, p. 233) apontam que o ensino demanda a articulação de diferentes conhecimentos, sendo, dessa maneira, “relevante a investigação sobre o ‘fazer didático’ e, dentro dele, o ‘saber fazer e escolher’, e o suporte das tecnologias digitais no desenvolvimento de propostas pedagógicas contextualizadas”. Deste modo, é necessário conhecer as tecnologias e aprimorar o seu uso para que possam ser utilizadas na sala de aula.

Salienta-se ainda que é fundamental fazer a análise da usabilidade técnica e pedagógica dos *softwares* a serem utilizados, ou seja, verificar se o *software* atende aos requisitos para que se possa chegar aos objetivos propostos com eficácia e satisfação.

Acreditamos que o uso dos infográficos na sala de aula, pela sua dinamicidade, pode ir ao encontro de interesses dos estudantes, uma vez que estes estão inseridos num mundo de tecnologias digitais, permeado por imagens e sons, e, portanto, aprendem de forma diferente.

Nesse sentido, foi possível compreender que os infográficos têm potencialidades didáticas, visto que, ao utilizá-los na explicação de temas, integrando textos e imagens, possibilita-se ao aluno a visualização das informações. “E, nesse sentido, ideias, conceitos e relações abstratas podem se tornar mais facilmente compreendidos na medida em que podemos visualizar e analisar as partes que os compõem” (ALVAREZ, 2012, p. 111).

Portanto, explorar as potencialidades tecnológico-pedagógicas dos infográficos nos permitiu evidenciar algumas de suas contribuições para que os professores sejam mais ativos na sua prática pedagógica, para que consigam explorar satisfatoriamente conteúdos e conceitos que, por muitas vezes, são complexos de explicar apenas através de textos e para que possam criar seus próprios materiais didáticos, levando em conta as características de cada turma, de modo que sejam significativos para cada uma delas.



Para ilustrar esta discussão, destacamos os infográficos elaborados durante esta pesquisa. O primeiro infográfico⁶ mostra os principais conceitos das Tendências Pedagógicas, essas foram colocadas em colunas para dar a ideia de oposição, também utilizamos imagens para ilustrar os aspectos abordados em cada seção do material, sendo possível ao leitor tanto uma leitura textual, quanto uma leitura visual através das imagens apresentadas. Já no segundo infográfico produzido⁷, utilizamos apenas textos e alguns ícones para chamar a atenção dos leitores, é possível notar que os ícones se relacionam com a temática em questão.

Para Bonttentuit Junior, Lisboa e Coutinho (2011, p. 10-11),

[...] A utilização de infográficos como um recurso pedagógico alinha-se ao atual contexto dos jovens estudantes que complementam sua formação em recursos advindos da web, tais como vídeos, redes sociais, enciclopédias eletrônicas, imagens etc. Tais recursos poderão ser visualizados nos infográficos mais modernos, os quais permitem a combinação desses aplicativos com o intuito de favorecer a aprendizagem ou a complementação dos conteúdos ministrado em sala de aula. (JUNIOR; LISBOA; COUTINHO, 2011, p. 10-11).

Nesse sentido, utilizamos os infográficos para explorar, de maneira mais ilustrativa, temas que podem ser de difícil compreensão para os educandos, pois acreditamos que conteúdos desenvolvidos com representações visuais estimulam a criatividade e possibilitam aos estudantes expressarem suas ideias e opiniões. Em concomitância a isso,

[...] Pensamos que sua utilização poderá promover uma aprendizagem que ultrapassa os parâmetros abstratos dos conteúdos e mergulhe num mundo concreto onde, de fato, o aluno poderá deparar-se com uma realidade mais consistente. E isso é um fator preponderante para dinamizar as aulas, possibilitando um olhar mais pormenorizado das temáticas abordadas, ao mesmo tempo que oportuniza aos alunos exercitarem o seu pensamento crítico e reflexivo. (MACHADO, 1988 *apud* BONTTENTUIT JUNIOR; LISBOA; COUTINHO, 2011, p.12).

Nesta experiência de produção de materiais para o ensino de Didática, percebemos que a utilização dos infográficos como recurso pedagógico pode permitir aos estudantes mobilizarem, de forma mais significativa, as informações e, a partir disso, construir novos conhecimentos. Os infográficos também podem auxiliar no ensino de História, uma vez que permitem uma análise pormenorizada das informações, bem como a sistematização de conteúdos que são complexos e extensos, facilitando a sua compreensão.

⁶ Infográfico disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1Nq3EMCzFkG7-4BjWO7KZOOEk3Jpxq3Al/view?usp=sharing>

⁷ Infográfico disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1A1THi3cjpeBSEsBg8Zk1LBHICcyJXsDa/view?usp=sharing>



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da revisão bibliográfica empreendida, observamos a potencialidade das tecnologias, aliadas à Didática para o ensino de História, na contribuição, de maneira significativa, para o desenvolvimento de uma didática mais ativa, a qual, por sua vez, contribua para o rompimento de rotinas exaustivas e monótonas em sala de aula. Compreendemos que os recursos tecnológicos não fazem “milagres”, mas podem diversificar as formas de apresentação dos conteúdos e colaborar com os processos de planejamento, desenvolvimento e avaliação educacional.

Esta pesquisa exploratória também nos revelou a importância do uso dos infográficos na elaboração de materiais didáticos que possam oferecer aos estudantes e seus professores um meio diferente de produzir e aperfeiçoar a sistematização de informações. O uso dos *softwares*, como o *Piktochart*, tem ajudado na construção de novos conhecimentos e na aproximação de educadores e educandos com as tecnologias digitais. Sobre isso, Costa e Tarouco (2010) apontam que

[...] Um dos formatos digitais que vem sendo bastante utilizado na área de comunicação, mas ainda pouco explorado na educação, é o infográfico. Um estudo sobre as características desse tipo de recurso mostrou que seu uso educacional é apropriado e recomendado, existindo teorias de aprendizagem multimídia que fornecem subsídio teórico apropriado para apoiar a análise educacional desse recurso. (MAYER, 2005 *apud* COSTA; TAROUCO, 2010, p. 2).

No planejamento didático do ensino de História, os infográficos podem ajudar os estudantes a formularem, a partir de construções visuais, novos sentidos e diferentes significados aos conteúdos curriculares, além de permitir que os estudantes organizem suas ideias e reflexões sobre eles. Identificamos que o uso dos infográficos possibilita a integração de várias mídias, como imagem, desenhos, gráficos etc., tornando a informação mais dinâmica. Compreendemos que não há um receituário de como tornar as aulas de História mais envolventes, mas percebemos que o infográfico pode operar uma transposição de conteúdos para uma linguagem mais acessível e convidativa para mobilizar o interesse dos estudantes.

Desse modo, consideramos que, a partir da integração de recursos tecnológicos, aliados a uma pedagogia inovadora, o processo de ensino e de aprendizagem amplia seu sentido e



significado. Isso significa explorar os recursos tecnológicos com intencionalidade pedagógica e responsabilidade docente. Além do mais, os estudantes passam a compreender que, a partir da sistematização dos conteúdos, através da tecnologia, podemos nos aproximar de uma melhor interpretação, compreensão e sua assimilação, o que possibilita rever o ideário de que estudar História é somente a memorização de datas, fatos e acontecimentos históricos.

É importante ressaltar que a educação só faz sentido quando todos os envolvidos se sentem contemplados na aprendizagem. Assim, esta pesquisa evocou como os infográficos, isto é, recursos que devem ser utilizados com intencionalidade pedagógica, podem contribuir para a sistematização de conteúdos, a visualização de conceitos-chave e a compreensão mais efetiva de ideias complexas.

Do ponto de vista teórico, esta pesquisa evidenciou algumas das potencialidades didático-pedagógicas dos infográficos no ensino de Didática, na licenciatura em História, a partir da produção de dois infográficos, destacados e analisados durante este artigo. A pesquisa mostrou que, por ser um recurso tecnológico que permite a associação de vários recursos, como textos, imagens, desenhos etc., é possível, através dele, fornecer aos alunos uma maneira diferente de expor as informações e, a partir dessa integração, colaborar com a compreensão da temática trabalhada, transformando informação em conhecimento.

Constatamos que o ensino de História, associado ao uso de tecnologias, como o infográfico e uma didática voltada para a construção da criticidade, pode colaborar para tornar o processo de ensino e de aprendizagem mais interessante e significativo. Logo, essa associação permite a potencialização cognitiva discente e das abordagens pedagógicas docentes.

Consideramos que a integração de recursos tecnológicos, aliados a uma prática pedagógica inovadora, baseada na práxis, ou seja, na busca pela transformação do mundo e do processo de ensino e de aprendizagem, amplia seu sentido e significado. Além do mais, permite aos estudantes compreenderem que, a partir da sistematização dos conteúdos, com o apoio de recursos tecnológicos, podemos nos aproximar de uma melhor interpretação, compreensão e assimilação dos temas discutidos.

Portanto, se queremos nos libertar de um ensino bancário e buscar a transformação da realidade em que vivemos, devemos explorar novas estratégias didáticas, pedagógicas e metodológicas, para que nossa prática se configure num pensar e fazer reflexivo, pois, como



aponta Paulo Freire, somos todos sujeitos da práxis e, portanto, protagonistas da transformação da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, Ana Maria Torres, **A infografia na educação: contribuições para um pensar crítico e criativo**. 2012. Tese. (Doutorado em educação: Currículo). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-graduação em Educação: Currículo. São Paulo, 2012.

BALZAN, Newton Cesar. A pesquisa em Didática: realidades e propostas. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **A Didática em questão**. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

BONTTENTUIT JUNIOR, João Batista; LISBOA, Eliana Santana; COUTINHO, Clara Pereira. “O infográfico e as suas potencialidades educacionais”. In: IV ENCONTRO NACIONAL DE HIPERTEXTOS E TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS. **Anais**, Universidade de Sorocaba - 26 e 27 de setembro de 2011.

CABRINI, Conceição. O que achamos importante lembrar sobre o ensino da história ou fundamentação teórica da proposta. In: CABRINI, Conceição *et al.* **O ensino de História: revisão urgente**. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1986. p. 19-30.

CANDAU, Vera Maria. Da Didática fundamental ao fundamental da didática, In: ANDRÉ, Marli E. D. A.; OLIVEIRA, Maria Rita N. S. (Orgs.). **Alternativas no ensino de didática**. Campinas, SP: Papirus, 1997

COSTA, Valéria Machado da; TAROUCO, Liane Margarida Rockenbach, “Infográfico: características, autoria e uso educacional”. **Novas Tecnologias na Educação/CINTED-UFRGS**, v. 8 N, n.º 3, dezembro, 2010.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FRANCO, Renato. **Aprendendo História: reflexão e Ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 51.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FORTUNA, Volnei. A relação teoria e prática na educação em Freire. **REBES- Rev. Brasileira de Ensino Superior**, v. 1, n. 2, p. 64-72, out - dez. 2015.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.



LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública**: A pedagogia crítico-social dos conteúdos. 23. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

MENEZES, Marília Gabriela de, SANTIAGO, Maria Eliete. Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório. **Pro-posições**, v. 25, n.3, p. 45-62. Set/dez. 2014. Disponível: < <http://dx.doi.org/10.1590/0103-7307201407503> > acesso em 09 de julho de 2021.

NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; PICONEZ, Stela Conceição Bertholo. Technological Pedagogical Content Knowledge (TPACK): modelo explicativo da ação docente. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 10, n. 3, p. 231-250, 2016. Disponível em:< <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/1605/524> .> 09 de julho de 2021.

PIZZANI, Luciana; SILVA, Rosemary Cristina da; BELLO, Suzelei Faria; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Campinas, v.10, n.1, p.53-63, jul./dez. 2012.

PICONEZ, Stela Conceição Bertholo; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz. Equipes de produção de materiais digitais de aprendizagem e os critérios de usabilidade técnica e pedagógica: um diálogo necessário. E-book: BARROS, D. M. V. *et al.* (2011) **Educação e tecnologias**: reflexão, inovação e práticas. Lisboa: [s.n.]. Disponível em:< <http://livroeducacaoetecnologias.blogspot.com/p/capitulos.html> .> acesso em: 09 de julho de 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

Artigo recebido em: dezembro/2021

Artigo aceito em: dezembro/2021